

# *Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro: alguns aspectos da fundação e arquitectura de um instituto sob Regra da Ordem Terceira de S. Francisco, na transição do século XVII-XVIII\**

SUSANA MARIA SIMÕES MONCÓVIO\*\*

## **Resumo**

O tema deste estudo é o programa arquitectónico da Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, fundada em 1679. A igreja, com fachada similar à tipologia difundida pela Ordem Carmelita Descalça, encontra-se em ruína. O objectivo é, através da análise formal e documental recuperar uma memória fragmentada, contribuir para a inscrição e conhecimento artístico deste instituto religioso singular (e sua dependência na Rua das Flores, Porto) que participa do movimento religioso de Ordens Terceiras, na transição do século XVII-XVIII.

**Palavras-Chave** – *Arquitectura Religiosa-Vila Nova de Gaia; Ordem Terceira, Século XVII-XVIII*

## **Abstract**

*The object of this study is the architectural programme of the “Congregação de*

---

\* Este estudo foi elaborado a partir da investigação desenvolvida para o trabalho de Seminário de Projecto II, da Licenciatura em História da Arte, com o tema: *Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro: uma arquitectura religiosa além rio, no termo da Cidade do Porto de finais de seiscentos; singularidade ou integração*, 2005, sob orientação do Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha.

\*\* Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. (smoncovio@gmail.com)

*Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia” founded in 1679. The church with similar façade to the Discalced Carmelite Order’s typology is now an empty ruin. The objective is through formal and documental analyses to recover one fragmentary memory, in order to contribute to the artistic knowledge of a unique monastic place (and its dependency at “Rua das Flores, Porto”), which participate on the religious movement of Thirds Orders, in the transition of the XVII-XVIII century.*

**Keywords** – Religious Architecture-Vila Nova de Gaia; Third Order; XVII-XVIII Century

## Introdução

A ausência de estudos artísticos acerca da Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro constituiu um estímulo para a realização deste trabalho. Pretende-se contribuir para o seu conhecimento, pela recuperação da sua memória e inscrição da sua génese na espiritualidade e produção artística do Porto, na transição do Século XVII-XVIII.

Desde 1668, D. Pedro<sup>1</sup> desenvolve esforços no reconhecimento e consolidação da monarquia. O paradigma de príncipe cristão, temente a Deus e obediente à Igreja e da Corte como escola de virtudes, posto a circular pela contra-reforma romana convida ao *exemplar* régio<sup>2</sup>. A coroa estreita relações com os diferentes agentes e instituições religiosas (Inquisição, bispos e ordens religiosas) que, pela cerrada organização territorial constituem um instrumento eficaz na mediação entre o rei e os súbditos<sup>3</sup>, por seu lado, o rei e a corte protegem institutos religiosos com diversas vocações.

A Congregação<sup>4</sup> de Nossa Senhora da Conceição foi instituída por D. António Leite de Albuquerque em 1679<sup>5</sup>, na quinta rural da família, na freguesia de Santa

<sup>1</sup> O governo de D. Pedro (*O Pacífico*) não foi tranquilo, regente de 1668-1683, rei de 1683-1706, com grave crise económica entre 1670 e 1692. PEREIRA, Paulo – D Pedro II. In PEREIRA, José Fernandes Direcção de – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 345-347.

<sup>2</sup> SANTOS, Zulmira C. – Da *Corte Sancta* à Corte Santíssima em Portugal. In ESPIRITUALIDADE E CORTE EM PORTUGAL, Porto, 1992. *Espiritualidade e Corte em Portugal: séculos XVI a XVIII*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993. p. 205-215.

<sup>3</sup> PALOMO, Federico – *A Contra-Reforma em Portugal (1540-1700)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006. p. 31-38.

<sup>4</sup> Na época moderna, Congregações designam agrupamentos de religiosos que emitem apenas votos simples (temporários ou perpétuos), ou apenas voto de obediência; são aprovadas pelo papa e pelo bispo. GERHARDS, Agnès – *Congrégations* In *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux*. Paris: Fayard, 1998. p. 179.

<sup>5</sup> Durante o governo do Bispo D. Fernando Correia de Lacerda (1673-1683), que sucedeu a D. Nicolau Monteiro. FERREIRA, Cónego J. Augusto – *Memórias Archeologico-Historicas da Cidade do Porto (Fastos Episcopais e Políticos) Sec. VI – Sec. XX*. Braga: Livraria Cruz, 1924 Tomo II. p. 272.

Eulália de Oliveira em Vila Nova de Gaia. A comunidade, sob Regra da Ordem Terceira de S. Francisco, dotada dos bens do fundador e sob protecção régia propõe uma vida religiosa afastada do mundo. Dedicada à oração e exercícios espirituais, vocacionada para o acolhimento de sacerdotes doentes ou desvalidos do bispado do Porto<sup>6</sup> constitui-se como obra ao serviço de Deus e salvação da alma do seu fundador.

O programa construtivo-arquitectónico da nova igreja (1684-1688), em *estilo chão*, apresenta uma fachada com semelhança estilística à tipologia difundida pela Ordem Carmelita Descalça introduzida em Portugal no período Filipino. O contrato notarial, com memória descritiva da obra a executar, refere planta e apontamentos apresentados pelo fundador-contratante e identifica a sociedade de mestre e oficiais de pedraria contratada, cujo responsável é o Mestre Pedreiro Pantaleão Vieira.

A memória do espaço interior e do equipamento sacro (cadeiral do coro e retábulo da capela-mor), já desaparecidos, reconstitui-se e actualiza-se pelos registos fotográficos. A identificação e integração estilística dos seus elementos contribuem para o estabelecimento da cronologia artística / estética da Congregação e sua relação com a cronologia artística do Porto.

Foi delimitada a localização do Hospício da Rua das Flores, dependência da Congregação intra-muros na cidade do Porto, até agora alvo de referências vagas.

### Fontes e Métodos

Sendo um projecto singular e atendendo a que “*o individual apenas nos proporciona informação quando entendemos em que consiste a sua individualidade*”<sup>7</sup> pretende-se estudar a Congregação enquanto objecto físico e cultural a partir de:

- a) Manuscrito – Contrato notarial<sup>8</sup> da obra de acrescentamento da Capela, 1685.
- b) Manuscrito – Estatutos da Congregação<sup>9</sup> reformados, de 1689, transcritos pelo *Pe António Ribeiro de Castro*, veiculando orientações de índole espiritual, disciplinar e valores da vivência quotidiana, 1812.

<sup>6</sup> BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO (BPMP) – Reservados ms 902. *Estatutos da Real Congreg.am de N.S.ra da Conç.am de Oliv.ra do Douro do Pe António Rib.ro de Castro. Anno de 1812 aos 4 de Janeiro* Cap. 2 (f 2v).

<sup>7</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian – *Intenciones en Arquitectura*. 3ª Edição. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2001. p. 43-44.

<sup>8</sup> ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (ADP) – Fundos Notariais. Contrato de Obrigação: 1685 – 20 de Dezembro. Porto. Po-4º, 1ª série, nº 78 A, fls. 47-48v. Acesso por informação do Senhor Padre Manuel Leão, transcrição possibilitada pela colaboração do Mestre Celso Francisco dos Santos e da Doutora Maria Helena Cardoso Osswald, a ambos agradeço a disponibilidade e empenho. Documento nº 1.

<sup>9</sup> BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO (BPMP) – Reservados ms 902. *Estatutos da Real Congreg.am de N.S.ra da Conç.am de Oliv.ra do Douro do Pe António Rib.ro de Castro. Anno de 1812 aos 4 de Janeiro*.

- c) Manuscrito – Crónica da Congregação<sup>10</sup> elaborada pelo *Pe Teotónio José Maria de Queirós*, reunindo vários aspectos relativos à fundação, 1805.
- d) Registo fotográfico do coro alto, publicado em *O Tripeiro*<sup>11</sup>, 1931.
- e) Registo fotográfico do interior sacro com retábulo-mor, publicado em *Jornal de Notícias*<sup>12</sup>, 1977 e contrato do douramento<sup>13</sup> de 6 de Outubro de 1709.

A cronologia (1679-1709) definida em função da documentação reunida reporta a sua génese e matriz semântica da época. Programa arquitectónico: O estudo do objecto material, sua topografia e estrutura da igreja *in situ* foi secundado pelos documentos. Procedeu-se à análise formal e estilística da fachada da igreja e sua comparação com a tipologia de fachada desenvolvida pela Ordem Carmelita Descalça. Programa artístico: os registos fotográficos do cadeiral e do interior sacro (retábulo-mor), actualmente desaparecidos, permitem reconstituir “*em termos históricos, iconológicos, políticos, ideológicos e, sempre, estéticos*”<sup>14</sup> a sua memória.

## **I – Uma fundação sob Regra Terceira de S. Francisco nos finais do século XVII**

A Igreja Católica contra-reformista defende a dignidade do clero, a validade dos sacramentos e a salvação pelas boas obras, valorizando a prática virtuosa da caridade<sup>15</sup>. Orienta o percurso terreno e prepara os fiéis para o além incentivando ao associativismo piedoso<sup>16</sup>. As atitudes perante a morte revelam-se nos comportamentos, os testamentos documentam um movimento de doações pias a favor de Confrarias, Irmandades ou de Ordens Terceiras, como forma de preparar a morte e o caminho da salvação<sup>17</sup>. As mentalidades moldam-se em redes de sociabilidade imbuídos de ética virtuosa, tornada *visível* na fundação de colégios, recolhimentos, etc.

<sup>10</sup>ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (ADP) – Fundos Monásticos. Liv. 24. *Crónica da Real Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro. Pe Theotonio Jose Maria de Queiroz. Anno 1805 aos 29 de Dez. bro.*

<sup>11</sup> COSTA, G. – Uma crónica monástica inédita. *O Tripeiro*. Porto. 4ª Série, nº 3 (173) (Jan. 1931) p. 3.

<sup>12</sup>ARQUIVO DO JORNAL DE NOTÍCIAS. Porto – VILAS, Jorge – Século XVII desprezado no século XX. Fotos de Américo Diegues. *O Jornal de Notícias*. 29 Junho 1977. p. 1.

<sup>13</sup> BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensablagement e pintura na Cidade e na Diocese do Porto*. Documentação II. (1700 a 1725). Porto: Diocese do Porto. Subsídios para o seu estudo, 1985 Vol. II. p. 339-343. Transcreve contrato de douramento: ADP – Po-1, 4ª série, nº 225, ff 138v-140.

<sup>14</sup> SERRÃO, Vítor – *A cripto - história de Arte. Análise de obras de arte inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001. p. 11.

<sup>15</sup> CHECA CREMADES, Fernando; MORÁN TURINA, José Miguel – *El Barroco*. Madrid: Istmo, 2001. p. 223.

<sup>16</sup> Nas Constituições Sinodais do Bispado do Porto, de 1585 e reforçada nas de 1690. RODRIGUES, Maria Manuela B. Martins – *Morrer no Porto durante a Época Barroca, atitudes e sentimento religioso*. Porto: Edição do Autor, 1991. Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 223.

<sup>17</sup> Idem, p. 37.

A Congregação de Nossa Senhora da Conceição, como obra “*a dedicar a D.s N Snr p<sup>a</sup> que nella fosse louvado ... e se fizesse nella alguma obra de Caridade em satisfação dos meus peccados*”<sup>18</sup> releva de um ideal de perfeição cristã que o seu fundador almeja. A construção significativa de um percurso terreno meritório estende-se à orientação carismática que confere ao instituto e sua representação simbólica.

D. António Leite de Albuquerque (1632-1698) era filho de António do Amaral Albuquerque, que foi vereador na Câmara do Porto<sup>19</sup> e de D. Maria Pereira Leite, parente de D. Nicolau Monteiro, moradores na Rua das Flores<sup>20</sup>. Fez carreira eclesiástica<sup>21</sup> em Évora, como Beneficiado (1670), em época de intensa actividade inquisitorial<sup>22</sup> e na Sé de Faro, como Cônego. Regressado ao Porto por morte de seu irmão, João de Amaral de Albuquerque que seguira a carreira das armas é nomeado por D. Nicolau Monteiro (bispo de 1671-1672) Visitador Geral do Bispado.

D. António, que fora Ministro da Ordem Terceira Secular de S. Francisco da Cidade do Porto (1677)<sup>23</sup> toma para si o projecto de edificar um Hospital, que os Terceiros do Porto por falta de recursos não concretizam. Apenas em 1686 seria ali construído o Recolhimento de Santa Isabel Rainha da Hungria, sendo co-fundadora e benemérita sua irmã, D. Isabel de Albuquerque<sup>24</sup>.

Concebe uma comunidade instalada na quinta herdada dos pais, sob os Estatutos<sup>25</sup> e Regra da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto, em obediência ao Provincial de S. Francisco da Observância<sup>26</sup>. Em 1681 entravam os primeiros irmãos<sup>27</sup> e era obtida a protecção do príncipe D. Pedro<sup>28</sup>. Congrega homens de virtuosos

<sup>18</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 29v)*.

<sup>19</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*. Porto: Edição do Autor, 1985. Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Volume I. p. 1092-1094.

<sup>20</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 7)*; “*A nobreza urbana mas fortemente ligada ao campo escolhia normalmente as ruas mais qualificadas para construírem as suas moradias (Rua Nova, Rua das Flores, Rua Chã, Rua de Belomonte) mas preferia retirar-se para as suas quintas rurais após a festa do Corpo de Deus*”. SILVA, Francisco Ribeiro da – *As Elites Portuenses do Sec. XVII: Caracterização social e vias de mobilização*. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2001. p. 9.

<sup>21</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 8 e f 8v)*.

<sup>22</sup> No período de 1660-1674. TAILLAND, M. Janin-Thivos – *Inquisition et société au Portugal. Le cas du tribunal d’ Évora 1660-1821*. Paris : Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2001. p. 121.

<sup>23</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 21v)*.

<sup>24</sup> EIRAS, José Aníbal Guimarães da Costa – *Os Terceiros Franciscanos da Cidade do Porto: Elementos para o seu estudo*. Porto: Edição do Autor, 1972. Dissertação de Licenciatura em História apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 149.

<sup>25</sup> O Compromisso da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto de 1678, foi confirmado pelo regente D. Pedro e autorizado eclesiasticamente em 1679. ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 9)*.

<sup>26</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação... (f 2)*.

<sup>27</sup> Sob promessa de obediência ao Ministro, observância dos Estatutos e devoção a N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição. ADP – *Crónica da Real Congregação... (f 2)*.

<sup>28</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 10 e f 10v)*.

costumes e limpos de sangue<sup>29</sup>, que cumpram uma vida afastada do mundo, em silêncio, exercícios espirituais e prática da caridade. O caminho da Virtude pautado pelo “*ABC da mortificação dos sentidos*”<sup>30</sup> apresenta-se consonante com um modelo de vida ascética de via purgativa (mortificações, penitências) e iluminativa (abstinência, humildade, pobreza, desprezo pelo corpo), enaltecendo a “*deixação de si mesmo*”<sup>31</sup> como primeiro patamar do caminho da união com Deus.

As sucessivas reformas dos Estatutos, em 1683 com apoio de Fr. António das Chagas e de novo em 1689<sup>32</sup>, bem como o longo Ministério do fundador (1686-1698), contrariando a regra de eleição por triénio, de forma a controlar a decadência instalada<sup>33</sup> testemunham como a vivência religiosa tendia a desviar-se dos estritos cânones escritos. A situação de relaxe nas comunidades religiosas é apontada, já em 1679, pelos representantes do Porto nas Cortes de Lisboa, pedindo providências para que retornem à observância e persigam a perfeição evangélica<sup>34</sup>.

## II – Programa Arquitectónico

### 2.1 – A Igreja Nova da Congregação

No Porto, o último quartel de seiscentos regista um desenvolvimento na edificação sacra, a arquitectura realizada persiste ainda dentro do espírito maneirista apresentando alguns elementos decorativos que anunciam nova estética<sup>35</sup>.

A nível nacional, a partir dos anos 60 do século XVII, o fôlego teórico<sup>36</sup> e a publicação de Tratados promovem a experimentação de novas planimetrias.

A quinta, na margem esquerda do rio Douro, na freguesia rural de Santa Eulália de Oliveira no termo da cidade do Porto<sup>37</sup> reunia as condições adequadas ao carisma da comunidade: um lugar isolado, densamente florestado, sobranceiro ao

<sup>29</sup> BPMP – *Estatutos ... Cap. 5º Do Recebimento, Inquirições ... (f 4v)*.

<sup>30</sup> BPMP – *Estatutos ... Cap. 17º Do exercício das Virtudes (f 13)*.

<sup>31</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Fernandes da – *Espiritualidade e religiosidade no Portugal Moderno – O Agiologio do Padre Jorge Cardoso (1606-1669)*. Porto: Edição do Autor, 1996. Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 112-118.

<sup>32</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 12 e f 32)*.

<sup>33</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 31 e f 31v)*.

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Pe. Miguel de – *História Eclesiástica de Portugal*. Edição Revista e Atualizada. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1994. p. 210.

<sup>35</sup> FERREIRA-ALVES – Joaquim Jaime B. – Cidade do Porto In PEREIRA, José Fernandes Direcção de – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. 1ª Edição: Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 376-379.

<sup>36</sup> Ensino da Geometria na Aula de Fortificação e Arquitectura Militar (1647). PEREIRA, José Fernandes – Geometria In PEREIRA, José Fernandes Direcção de – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. 1ª Edição: Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 201-202.

<sup>37</sup> Na época moderna, o termo da cidade do Porto era definido por sete julgados: Bouças, Maia, Refojos de Riba d’Ave, Aguiar de Sousa, Penafiel Gondomar, a norte do Douro; e Gaia, a sul. SILVA, Francisco Ribeiro da – *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*. Porto: Edição do Autor, 1985. Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Volume I. p. 57.

caudal do Douro e atravessado pelas águas do Febros (Figura 4). Foram efectuadas as adaptações das dependências aos serviços de acolhimento e hierarquizado o espaço de circulação<sup>38</sup>.

Ao ser necessário uma igreja maior, as dignidades da Sede Vacante apenas permitiram o acrescentamento da Capela de Santo António, de modo a ter dois altares colaterais<sup>39</sup>. Foi decidido construir uma nave ficando a capela preexistente como capela-mor, lançando-se a primeira pedra a 7 de Março de 1684.

O contrato de obrigação<sup>40</sup> de 1685 refere uma *Planta* e traslada os *Apontamentos* da obra a realizar, descrevendo a fachada em três níveis horizontais e o campanário.

1. *“Acabar a capella e galile na forma da planta”, “os dous portais da galilé e os três arcos della com sua faixa por cima”; “Na galile se fará por dentro bua faxamento bem escodado de largura de hum palmo, toda em redondo sobre que assente o forro por cima em o qual se remate a cal por baixo”.*

2. *“No choro fará duas portas de sinco palmos de vão, e dez de alto e três frestas, duas como as da capellamor e bua como as da igreja e som.te hum palmo de lume mais de largo com batente para as portas”.*

3. *“Na impena hum espelho”,*

Completa a composição da fachada os seguintes elementos:

- *“Os cunbais e empenas com suas pirâmides, e três cruces com seus pedestais na forma da planta”,*
- *“Os quatro cunbais hão-de ter seu capitel e colarinbo como mostram os da capela mor”.*
- *“Fará o campanário da mesma sorte que esta na planta e somente terão os nichos dos sinos, mais meio palmo cada hum de vão”.*

Podem ler-se ainda indicações que apontam referenciais formais e estilísticos:

*“A porta da parte do norte terá sua empena com sua simalba; fará mais assim a porta principal que verte para a galilé”; “Acabara o frontispício do arco cruzeiro e fará a pedra do púlpito com suas molduras muito bem lavradas conforme a planta”; “Fará três pias para a agua benta como as da Capella dos Terceiros do Porto”.*

Quanto à técnica construtiva, refere-se a medida de comprimento em palmos<sup>41</sup>, *“a grossura da parede dos terços há-de ser ... quatro palmos e meio”,* a largura das portas do coro de *“cinco palmos de vão e dez de alto”;* o material, *“O mestre há-de dar pedra e saybro e tudo o mais e so por conta dos donos da obra com a obrigação da cal”;* o uso de *“papo de rola por fora que há-de ir em redondo da capela toda”.*

<sup>38</sup>ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 9v)*. Designando primeira Cerca o espaço próximo e segunda Cerca o perímetro maior, de acesso condicionado.

<sup>39</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 29)*.

<sup>40</sup> ADP – Fundos Notariais: Po-4º, 1ª série, nº 78 A, fls. 47-48v

Em 21 de Março de 1688 ficava a Igreja e Sacristia “*acabada de pedra e cal*”<sup>42</sup>.

A posterior intervenção na galilé<sup>43</sup> não altera a configuração inicial da fachada, cuja leitura se mantém actual (Figura 5). O frontispício em alvenaria rebocada definido lateralmente por pilastras, remates com plintos e elementos piramidais divide-se em três registos horizontais:

1. Galilé de três arcos sobre pilares de secção quadrangular, com bases e impostas de perfis rectos pouco pronunciados, o central mais elevado, tangente ao friso plano inter-pilastras;
2. Pano médio ao nível do coro, apresenta três vãos rectangulares centrados e alinhados pela base, o mediano mais alto que os laterais, em simetria;
3. Registo superior, cornija e frontão triangular, óculo central vazado no tímpano, empena rematada por cruz.

Os panos são recortados pelos vãos de configuração interna e externa em rampa, com remates em cantaria, sem elementos iconográficos ou heráldicos. O fundador, que fora Visitador atenderia às recomendações Sinodais (1687) sobre a utilização de heráldica em edifícios religiosos<sup>44</sup>. O espaço interno, consequência da delimitação imposta pela geometria dos alçados e cobertura elementar em duas águas, adstrito às funções essenciais, nave com tecto em madeira e capela-mor. Externamente, a construção em reboco caiado, com *cintas* em cantaria, de referente *clássico*, unindo racionalismo e austeridade, numa construção útil e económica<sup>45</sup> adquire sentido na conotação com o *estilo chão*<sup>46</sup> e denota nas suas formas a influência do cânone arquitectónico da Ordem Carmelita Descalça, que adiante se especifica.

<sup>41</sup> Medida de comprimento equivalente a 0,225 m. RODRIGUES, Maria João Madeira Coord. de; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*. 3ª Edição. Coimbra: Quimera Editores, 2002. p. 210.

<sup>42</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 32)*.

<sup>43</sup> Em 1746-1748 foi construída a torre; em 1800 acrescentou-se a igreja, alterando a profundidade da galilé e construção do arco de sustentação do coro. ADP – *Crónica da Real Cong. ... (f 171-172; f 205)*.

<sup>44</sup> Recomendam a não colocação em igrejas ou capelas de “*escudos de armas, ou quaisquer outras insignias ou letreiros*” concedendo licença somente a fundadores e dotadores que adquiram direito de padroado. *CONSTITUIÇÕES Synodais do Bispado do Porto*. Porto: Joseph Ferreyra Impressor da Universidade de Coimbra, 1690 Livro 4, Titulo 1, Constituição VIII. p. 372. (Policopiado).

<sup>45</sup> KUBLER, George – *A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706*. Lisboa: Vega, 1988. p. 172.

<sup>46</sup> Termo que surge num contrato de 1570, como equivalente de austera, lisa, de linhas simples e desornamentadas. Kubler torna-o categoria operativa em História da Arte para designar o “*modo vernáculo de construir do Mundo Português*”. SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002. p. 211-212.

## 2.2 – A Sociedade de Mestre Pedreiro e Oficiais

A arrematação e realização das edificações civis ou religiosas, no Porto, na época Moderna estiveram a cargo de sociedades de tracistas, mestres pedreiros e outros, em combinações múltiplas, que a documentação notarial tem vindo a revelar<sup>47</sup>. Expõem um modo aditivo de construir, em renovações parcelares que à medida dos constrangimentos actualizam o gosto estético e reconfiguram a paisagem urbana.

Para a construção da nova Igreja foram estabelecidas as condições legais pelo contrato notarial de 20 de Dezembro de 1685, entre as partes constituídas pelo Cónego António Leite de Albuquerque, fundador e procurador da Congregação e Pantaleão Vieira, Mestre Pedreiro, morador na freguesia de Santo Ildelfonso, Feliciano Fernandes e João Fernandes, oficiais de pedreiro, moradores na freguesia de Santa Eulália de Oliveira e Manuel João, também pedreiro e morador na freguesia de S. Pedro de Pedroso, perante as testemunhas Manuel Ferreira de Carvalho e Manuel de Sousa e o tabelião António Rodrigues Monteiro. Acordando, “*fazerem a dita obra pelo dito presso de duzentos e e trinta e cinco mil reis na forma declarada nos ditos apontam.tos e planta della, e a cumprirem tudo o que nella se declara e a darem feita e acabada a dita obra e com toda a perfeição necessaria de tal maneira que fique à vontade dos ditos reverendos padres*”<sup>48</sup>.

Do Mestre Pedreiro Pantaleão Vieira<sup>49</sup> (m. 1696), com actividade de 1670 a 1693, destacam-se as obras:

- Ovar – Capela-mor e sacristia da Igreja matriz (1670)
- Vila Nova de Gaia – Convento de Corpus Christi: Igreja e capela-mor (1675), de planta octogonal, segundo traça do Pe Pantaleão da Rocha de Magalhães, seguido do coro de cima e coro de baixo com traça inicial (1677) do mesmo tracista, e posterior (1680) do Mestre Gregório Fernandes.
- Vila Nova de Gaia – Capela da Congregação de Oliveira do Douro (1685-88)
- Porto – Capela da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos (1687)

A sua actividade desenvolve-se na dinâmica inerente ao método associativo do ofício, participando da experimentação que a arquitectura portuguesa ensaia no

<sup>47</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Elementos para a história das sociedades entre Mestres Pedreiros (Séculos XVII e XVIII). Separata da *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, II Série, Vol. IX. p. 337 a 367.

<sup>48</sup> ADP – Fundos Notariais: Po-4º, 1ª série, nº 78 A, fls. 47-48v. Documento nº 1.

<sup>49</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Algumas obras seiscentistas no Convento de Corpus Christi. *Gaya*. Actas das Jornadas de História Local e Regional de Vila Nova de Gaia. Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1984, Vol. II. p. 251-253; FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Elementos para a história das sociedades entre Mestres Pedreiros (séculos XVII e XVIII). Separata da *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, II Série, Vol. IX. p. 338-339.

final do século, na exploração de novas expressões<sup>50</sup>. Surge associado a programas em que persiste o partido da planta longitudinal, planimetria vinculada à ideologia tridentina e colabora na implantação de uma planimetria precursora no termo do Porto, a planta centralizada do Convento Corpus Christi em Gaia.

### 2.3 – A Igreja da Congregação. Variante da Tipologia Carmelita?

As ordens religiosas após o Concílio de Trento comungando numa mesma orientação de austeridade e rigor, estendem a ética religiosa à sua representação simbólica – as suas edificações. Os Jesuítas procuram normalizar a prática construtiva segundo critérios de utilidade, funcionalidade e adaptação aos ministérios constituindo o *Modo Mostro*<sup>51</sup>. Os Carmelitas Descalços surgem por acção de Santa Teresa de Ávila (1515-1582), que, no desejo de retorno à antiga observância se separa dos Carmelitas Observantes. Orienta a *imagem* conventual (*Livro das Fundações*) recomendando que as igrejas sirvam às necessidades sem recorrer ao supérfluo<sup>52</sup>. Os tracistas aplicam um esquema construtivo de igreja de planta em cruz latina, claustro e celas, segundo o *Espírito da Ordem*<sup>53</sup>. As restrições estéticas e a definição do módulo<sup>54</sup> associado a uma planta comum potenciam a unidade estilística do programa arquitectónico carmelita.

A partir destes princípios a *genealogia* carmelita adquire significado existencial. Kubler<sup>55</sup> aponta como precursor na definição desta tipologia, o convento Teresino de S. José de Ávila (1608-1614) (Figura 1). O arquitecto Francisco de Mora (c. 1546/1552-1610), devoto de Santa Teresa, desenha a (nova) igreja e dirige a obra até à morte<sup>56</sup>. O plano da fachada rectangular e rematado por frontão triangular apresenta um pórtico destacado, em dois níveis, o inferior com três arcos sobre colunas, sobrepujado por nicho em ordem arquitectónica entre duas aberturas. Em Lerma, no Convento de *San Blas*, ocorre a síntese, o pórtico integra-se no próprio plano da fachada da igreja<sup>57</sup>. As obras do complexo urbano civil-religioso de Ler-

<sup>50</sup> PEREIRA, José Fernandes – Planimetria In PEREIRA, José Fernandes Direcção de – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. 1ª Edição: Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 363-364.

<sup>51</sup> MARTINS, Fausto Sanches – *A Arquitectura dos primeiros Colégios Jesuítas em Portugal (1542-1759): cronologia, artistas, espaços*. Porto: Edição do Autor, 1994. Dissertação de Doutoramento em Historia da Arte apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 883-884.

<sup>52</sup> BONET CORREA, António – *Iglesias Madrileñas del siglo XVII*. Madrid: Instituto Diego Velásquez del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961. p. 27.

<sup>53</sup> LÉON, Fernando Ponce de – O Convento do Desterro – Santa Teresa de Olinda – e a Arquitectura Carmelitana. *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo. IV série, Nº 6, 1997 (p 111-161). p. 124.

<sup>54</sup> Módulo – Medida reguladora das proporções. A largura entre 24 e 27 pés, a partir do qual se estabelece a proporcionalidade quanto à altura e profundidade. Idem, p. 146.

<sup>55</sup> HERNANDEZ DIAZ, José; GONZALEZ, Juan José Martín; ANDRADE, José Manuel Pita – *La escultura y la arquitectura españolas del siglo XVII*. SUMMA ARTIS. 5ª Edición. Madrid: Espasa-Calpe, 1991 Vol XXVI. p. 447.

<sup>56</sup> KUBLER, George – *Arquitectura de los siglos XVII y XVIII*. ARS HISPANIAE. Madrid: Editorial Ultra. Plus, 1957, Volume 14. p. 9.

<sup>57</sup> HERNANDEZ DIAZ, J.; GONZALEZ, J. J. M.; ANDRADE, J. M. P. – ob.cit., p. 449.

ma (1604-1614) para o valido de Filipe III, Francisco de Sandoval y Rojas, duque de Lerma<sup>58</sup>, associam Francisco de Mora e o arquitecto carmelita Fr. Alberto de la Madre de Dios (1575-1635) a partir de 1608<sup>59</sup>.

Este seria o responsável<sup>60</sup> pelo convento de *La Encarnation*, de Madrid (1611-1616), fundação régia de D. Margarida de Áustria e Filipe III, cuja solução arquitectónica fixaria a fachada com ampla difusão geográfica (Figura 2). Corpo rectangular, definido lateralmente por pilastras e plintos coroados por bolas, Dividido em três registos: Primeiro, pórtico de três arcos sobre pilares, tendo o médio, maior vão e flecha. Segundo, nível do coro, no centro um nicho ladeado por duas janelas, sobrepujado por janela idêntica às anteriores entre dois escudos. Terceiro, remate em frontão triangular de tímpano vazado (óculo). Esta fachada apresenta uma composição com o número de ouro ou secção áurea<sup>61</sup>.

Francisco de Mora, arquitecto-régio do Escorial acompanha as obras carmelitas e a formação dos seus arquitectos promovendo a síntese do classicismo e uma concepção arquitectónica emergente, sob os princípios da Ordem.

As igrejas, descritas por Fr. Emidgio da Sagrada Família (O.C.D.)<sup>62</sup>, apresentam:

*“Planta rectangular, circunscrevendo uma cruz latina, ladeada de duas naves, com seis capelas em geral. Abobada de meio canhão de aresta ou lunetas – quase sempre desta ultima modalidade – cúpula semiesférica sem lanterna: iluminação escassa; grandes pilastras sobre as quais corre uma cornija de molduras clássicas e sobre a qual principiam as abobadas; nas naves menores demarcação robusta das capelas; paredes branqueadas.*

*“O exterior mais simples: fachada (“bastial”) de três corpos. No primeiro, portada com um ou até três arcos, simulando um simples pórtico; no segundo, nicho na espessura da parede circunscrito por edícula, protegendo a estatua do titular da fundação sobrepujado de uma janela rectangular ladeada por dois escudos, um da Ordem, outro do fundador ou da cidade; no terceiro coroamento com um atico de frontão triangular, com uma “espadaña” ou duas a seus lados; no tímpano há um vão circular ou um escudo; sobre as cornijas esferas de pura estirpe herreriana”*

A ordem Carmelita Descalça instala-se em Portugal nos finais do século XVI. O arquitecto Francisco de Mora surge associado ao engenheiro italiano Fr Ambrósio Mariano na época em que este prepara a introdução da Ordem em Portugal

<sup>58</sup> KUBLER, George; SORIA, Martin – *Art and architecture in Spain and Portugal and their American dominions, 1500 to 1800*. Middlesex: Penguin Books, 1959. p. 16-17.

<sup>59</sup> LÉON, Fernando Ponce de – ob.cit., p. 144.

<sup>60</sup> Bustamonte Garcia publica em 1975 a documentação que atribui a Fr Alberto de la Madre de Dios a traça até então associada a Juan Gómez de Mora, sobrinho de Francisco de Mora. HERNANDEZ DIAZ, J. GONZALEZ, J. J. M.; ANDRADE, J. M. P. – ob.cit., p. 449.

<sup>61</sup> BONET CORREA, António – *Iglesias Madrileñas del siglo XVII*. Madrid: Instituto Diego Velásquez, del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961. p. 29.

<sup>62</sup> Descrição citada em LÉON, Fernando Ponce de – ob.cit., p. 126.

(1581)<sup>63</sup> e à figura de D. Teotónio de Bragança, membro do Conselho de Portugal em Madrid.

D. Teotónio de Bragança (1530-1602), arcebispo de Évora<sup>64</sup> foi responsável pela impressão (1583) da obra de Santa Teresa *Caminho da Perfeição* (1563), guia de pedagogia espiritual recomendando a pobreza nas edificações<sup>65</sup> e por diversas fundações religiosas. Entre as quais a do convento de Carmelitas Descalças de Nossa Senhora dos Remédios em Évora (1601/1602-1614), (Figura 3) a cuja traça se associa o nome de Francisco de Mora<sup>66</sup>.

Ponce de Leon sistematiza a cronologia e soluções construtivas dos conventos carmelitas portugueses, desde o fim do século XVI ao fim do século XVIII. Nas quatro periodizações definidas aponta duas variantes na composição das fachadas<sup>67</sup>:

A) A solução mais precoce, com tratamento severo das modenaturas e enquadramento por pilastras de capitel arquivado, em três níveis:

- 1) Nartex, constituído por três arcos, pilares e pilastras de impostas e bases cúbicas. O arco central mais largo e mais alto;
- 2) Faixa inter-pilastras. Nicho tipo edícula em ordem arquitectónica (para escultura do orago) ladeado por relevos armoriados da ordem ou padroeiros. Sobrepujado por janela coral;
- 3) Frontão triangular definido por entablamento, cornija e empena, óculo no tímpano, bases com esferas ou pináculos, cruz latina.

Estas fachadas apresentam sineiras por trás do frontão, sobre muro lateral. Neste grupo, o autor integra os conventos dos Remédios de Évora (início 1602); Remédios de Lisboa (início 1606) e Colégio de S. José de Coimbra (início 1606).

B) Posteriormente, as fachadas apresentam maior plano construtivo: uma segunda faixa inter-pilastras subdivide, o nível do nicho tipo edícula, do nível da janela coral e ao corpo da igreja agregam-se pavilhões laterais.

Horta Correia estabelece uma relação de influência directa do convento de Madrid na construção do Convento de Évora, tendo o protótipo eborense sido repetido pelos Carmelitas Descalços e por “*outras ordens com variantes*”<sup>68</sup>.

### III – Elementos do Interior Sacro

#### 3.1 – Cadeiral do Coro

O cadeiral reúne a comunidade para a oração em coro e localiza-se nas

<sup>63</sup> LÉON, Fernando Ponce de – ob.cit., p. 143-144.

<sup>64</sup> D Teotónio de Bragança é arcebispo de Évora de 1578 a 1602 e faz parte do Santo Ofício.

<sup>65</sup> LÉON, Fernando Ponce de – ob.cit., p. 122.

<sup>66</sup> ESPANCA, Túlio – *Évora*. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. 83.

<sup>67</sup> LÉON, Fernando Ponce de – ob.cit., p. 129.

<sup>68</sup> CORREIA, José Eduardo Horta – *Arquitectura portuguesa. Renascimento, maneirismo, estilo chão*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002. p. 62.

paredes laterais da capela-mor ou no coro alto. Robert Smith<sup>69</sup> caracteriza como “*arquitectural*” os exemplares da primeira metade de seiscentos devido à extrema sobriedade e ausência de efeitos decorativos: cadeirais em forma de colunata, com pilastras separando os painéis de tamanho igual. A análise estilística dos espaldares<sup>70</sup> permite fasear a sua evolução, assim, na segunda metade do século XVII estabiliza-se a reunião de duas cadeiras sob o mesmo espaldar, separado do seguinte por pilastras ornadas de mísulas. A madeira mais utilizada na sua realização foi o jacarandá brasileiro, vulgarmente dito *pau-preto*<sup>71</sup>, também designado *pau-santo* ou *pau do Brasil*. Pelas suas características de cor escura e lustrosa com veios ligeiramente encarnados, resistente e maleável adequava-se ao trabalho de entalhe<sup>72</sup>.

Na Congregação, o coro alto sobre a galilé recebeu um Cadeiral por herança de um dos irmãos. “*Se achou no Hosp.º da Rua das Flores mtª madeira de pau-preto, e do Brasil, com a qual no anno de 1700 se fizerão as cadeiras do coro*”<sup>73</sup>.

O registo fotográfico do Cadeiral (Figura 6) permite identificar uma estrutura contínua constituída por assentos dispostos em U. Cada cadeira apresenta um espaldar alto, cujos panos são divididos por pilastras de capitéis lisos. Remate em cornija saliente, sobre a qual se dispõem um par de volutas (em simetria relativamente a motivo central bojudo, aéreo) em correspondência com um par de espaldares. Pelo predomínio da estrutura arquitectónica linear, ritmada por pilastras, torna-se possível a sua filiação na corrente estética maneirista, mas os elementos decorativos em enrolamentos, que também pontuam a arquitectura da época, constituem o prelúdio do barroco. A ruptura estética ocorre no Porto, no cadeiral de S. Bento da Vitória (1716-1719) e depois na Sé (1726), marcando o início e amadurecimento da arte da talha aplicada aos cadeirais<sup>74</sup>.

### 3.2 – Retábulo da Capela-Mor

As directrizes tridentinas afirmando a Presença Real no mistério Eucarístico evitam a idolatria assimilando o aspecto sensível ao espiritual, deste modo a *visio beata* altera a vivência do espaço interior. A polarização no altar-mor<sup>75</sup> manifesta-se pela elevação da capela-mor em relação à nave e sua articulação com a estrutura retabular que adquire cada vez maior protagonismo.

<sup>69</sup> SMITH, Robert – *Cadeirais de Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1968. p. 33-37. Características e exemplos da primeira metade de seiscentos.

<sup>70</sup> BORGES, Nelson Correia – Cadeiral In PEREIRA, José Fernandes Direcção de – *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 105-106.

<sup>71</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>72</sup> SMITH, C. Robert – *Agostinho Marques, “enxambrador da cónega”*: elementos para o estudo do mobiliário em Portugal. Porto: Livraria Civilização, 1974. p. 18-19.

<sup>73</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 72v)*.

<sup>74</sup> BORGES, Nelson Correia – ob.cit., p. 105-106.

<sup>75</sup> FARAGO, France – *A Arte*. Porto: Porto Editora, 2002. p. 110.

No último quartel do sec. XVII, o retábulo-mor sofre uma transformação, formal, estilística e simbólica que passaria a ser designada por Estilo Nacional<sup>76</sup>. A estrutura arquitectónica maneirista foi substituída por uma estrutura escultórica, com valores de forma e de volume, sem solução de continuidade, associando três elementos:

- 1) Colunas pseudo-salomónicas;
- 2) Remate unificador em arcos concêntricos;
- 3) Motivos de folhas de acanto, plumagens, parras, cachos de uvas, meninos e pássaros, cuja função didáctica, adquire maior apelo pelo gradual destacamento, quase em vulto perfeito<sup>77</sup>.

O ouro aplicado à talha, além do carácter simbólico como serviço devido a Deus<sup>78</sup> ou como antevisão do céu e da eternidade<sup>79</sup> confere unidade visual à estrutura que envolve a tribuna e Trono Eucarístico. Para o trabalho da talha concorre a colaboração de vários officios e artistas, enquadrados por regimentos com estritas regras de funcionamento<sup>80</sup>.

Na Congregação, a reforma da capela-mor (1707) promove a realização do retábulo-mor e altares colaterais, mas apenas o douramento do primeiro<sup>81</sup>. O contrato de 1709 para o douramento, pintura e estofado do retábulo<sup>82</sup>, estabelece:

*“Apontamentos da obra que Domingos (Álvares) Carneiro, pintor da cidade do Porto, há-de fazer na Congregação da Oliveira por preço de duzentos mil reis secos ... Primeiramente o retábulo da capela-mor da dita Congregação todo dourado a têmpera e brunido como o melhor e mais subido e gomado ouro que puder fazer o bate-folhas Diogo Antunes, com os rapazes e rostos dos serafins encarnados a polimento e com as asas dos mesmos e os passarinhos estofados sobre ouro, o*

<sup>76</sup> SMITH, Robert C. – *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1966.

<sup>77</sup> SALTEIRO, Ilídio – Retábulo In PEREIRA, José Fernandes Direcção de – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. 1ª Edição: Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 405-408.

<sup>78</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A arte da talha no Porto na época Barroca (artistas e clientela, materiais e técnica)*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Documentos e Memórias para a História do Porto, XLVII, 1989. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 184.

<sup>79</sup> PEREIRA, Paulo Direcção de – *História da Arte Portuguesa. Do Barroco à Contemporaneidade*. Círculo de Leitores, 1997. Volume 3. p. 22.

<sup>80</sup> Para o estudo dos artistas, designação, percurso de formação, actividade e funcionamento de cada officio envolvido no trabalho da talha: FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A arte da talha no Porto na época Barroca (artistas e clientela, materiais e técnica)*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Documentos e Memórias para a História do Porto, XLVII, 1989. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto; para elementos biográficos: LEÃO, Manuel – *Artistas Antigos do Porto*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2002.

<sup>81</sup> Reforma da Capela que serviu de capela-mor à nova igreja, de 1685. Os altares colaterais receberam douramento em 1717. ADP – *Crónica ... (f 125v e 128)*.

<sup>82</sup> Transcrição parcial do contrato. 1790 – Outubro, 6, Porto: ADP – Po-1, 4ª série, nº 225, ff 138v-140, citado em BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto*. Documentação II. (1700 a 1725). Porto: Diocese do Porto. Subsídios para o seu estudo, 1985. Vol. II. p. 339-343.

*sacrário, a banqueta do altar-mor e o resplendor da Senhora por ambas as partes também dourados na forma do retábulo para dizerem com ele, e, suposto esteja, já dourados, como foi já há muito, estão velhos e danificados e por esse respeito se hão-de dourar de novo; as duas imagens de S. Francisco e Santo António que hão-de estar colocadas no mesmo retábulo ou peanha dele hão-de ser estofadas de pardo sobre ouro de têmpera com bordaduras lisas e direitas, abertas sobre o estofado pardo e não levantadas nem com pedras. Este estofamento há-de ser por diante das imagens e pelas costas não, e suposto estejam já oleadas, para condizerem com o retábulo hão-de ser estofadas como está dito, as cornijas da dita capela com que se funda o estuque dela, as frestas da mesma que são duas, os bancos de pedra em que se funda e está assentado o dito retábulo, as fronteiras dos presbitérios e degraus do altar jaspeados a óleo com seus filetes ou meias canas de ouro mate e algum brutesco, conforme a obra o pedir, o altar da dita capela que é de pau há-de ser emechado a têmpera e jaspeado a fingir pedras ou embutidos. Toda esta obra há-de ser feita a contento dos padres da dita Congregação, assim no dourado como no mais; esta obra e retábulo há-de ser aparelhado neste mês de Outubro de setecentos e nove e há-de estar acabada em Domingo de Ramos de setecentos e dez, sem falta, e será dourado de têmpera”.*

Os vestígios *in situ* (Figura 8) complementados pelo arquivo fotográfico (Figura 7) permitem identificar uma estrutura retabular em Estilo Nacional, cuja periodização na arte da talha da Escola do Porto corresponde a uma cronologia inicial entre os anos 70 do século XVII e tem o seu apogeu no primeiro quartel do século XVIII<sup>83</sup>.

Formalmente, a estrutura é constituída ao nível inferior por sotobanco composto por quatro bases rectangulares, cujos dados se encontram em planos recuados no sentido antero-posterior, a banqueta não é perceptível. O corpo (pé direito) é constituído bilateralmente por duas colunas (aparentemente helicoidais) em cujo intercolúnio se admite uma imagem sobre peanha. Na tribuna distingue-se a estrutura em pirâmide do trono eucarístico. Superiormente o coroamento é efectuado por três arcos de volta perfeita, concêntricos, que assentem nas impostas sobre as duas colunas, unificando a estrutura.

Alguns elementos biográficos dos artistas intervenientes:

Diogo Antunes – bate-folha, morador da Rua de Santana, Sé<sup>84</sup>

- Eleito juiz dos batefolhas em 1687.
- Forneceu ouro para douramento do retábulo-mor da Congregação (1709).

<sup>83</sup> MARQUES, Maria da Luz Paula; ANTUNES, Manuel Engrácia. Coordenação de; FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, Textos de – *A Talha do Porto. Do maneirismo ao Rococó*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Divisão de Museus, Património Histórico e Artístico, 1991.

<sup>84</sup> LEÃO, Manuel – *Artistas Antigos do Porto*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2002. p. 14-16. Tinha feito exame em Lisboa e foi acreditado no Porto em 1687

- Forneceu ouro para o douramento da capela-mor do Colégio de S. Lourenço, da Companhia de Jesus, em Coimbra (1712)
- Domingos Álvares Carneiro – pintor, morador na Rua Chã<sup>85</sup>
- Douramento, pintura e estofa do retábulo da capela-mor da Congregação (1709)
  - Pintar e dourar tábuas para o retábulo do altar-mor da Sé (1717)
  - Douramento e pintura de portas, janelas e grades do Cabido (1719)

#### IV – HOSPÍCIO da Rua das Flores. Porto

As escassas referências a um Hospício, anexo da Congregação, na cidade do Porto, surgem na bibliografia sem qualquer especificação<sup>86</sup>. A Rua de Santa Catarina das Flores, eixo estruturante da cidade do século XVI, mandada rasgar por D. Manuel para ligar os conventos de S. Francisco e de S. Domingos ao de S. Bento da Ave-Maria está no século XVII associado à residência da nobreza urbana<sup>87</sup>.

O autor da Crónica da Congregação estabelece a relação entre as casas do Porto, “*Tem humas excelentes casas na Cid.e do Porto, em a Rua das Flores, a mais bella da Cid.e aonde vão pouzar os membros desta Congreg.am q.do tem negócios que tratar*”<sup>88</sup> e a morada dos pais do fundador, “*naturaes da Cid.e do Porto e pessoas das principaes da m.ma Cid.e e Fidalgos m.to discintos, assistentes na Rua das Flores nas m.mas casas que de presente serve de Hosp<sup>o</sup> aos P.es desta Congreg.am*”<sup>89</sup>

Freitas<sup>90</sup>, a partir do *Livro dos Foros* da segunda metade do século XVII, identifica casas e proprietários, entre os quais D. Isabel de Albuquerque, irmã do fundador.

“*Começando no Largo de S. Domingos, da banda da Misericórdia .... D Isabel de Albuquerque, viúva de António Pinto Freire, era a proprietária das casas confinantes com as anteriores (casas de João de Valadares Carneiro), e herdara-as de seu pai, António Leite do Amaral. Esta senhora foi sobrinha do bispo D. Nicolau Monteiro, que a casou em 31 de Julho de 1669, na Sé; o marido era dos Pintos, senhores de Paramos, na terra da Feira. Depois, contornando para a Viela do Ferraz...*”

<sup>85</sup> Idem, p. 184.

<sup>86</sup> CASTRO, João Bautista de – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. 3ª Edição Revista e Acrescentada por Manoel Bernardes Branco. Lisboa: Typ. Panorama, 1870. Tomo II. p. 59; ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Nova Edição Preparada e Dirigida por Damião Peres. Porto-Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1968. Vol. II. p. 196.

<sup>87</sup> SILVA, Francisco Ribeiro da – *As Elites Portuenses do Sec XVII: Caracterização Social e Vias de Mobilização*. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2001. p. 9.

<sup>88</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 5)*.

<sup>89</sup> ADP – *Crónica da Real Congregação ... (f 7v)*.

<sup>90</sup> *Livro dos Foros que se pagam à Mesa Episcopal desta Cidade do porto dos casais e casas da Cidade*. FREITAS, E. de A. da Cunha – A Rua das Flores no século XVII. *O Tripeiro*. Porto. V Série, Ano XV, nº 5 (Set. 1959). p. 136-138.

Considerando os eixos perpendiculares definidos pela Rua das Flores e a Viela do Ferraz (actual Rua do Ferraz) que continua na Rua da Ponte Nova, a reconstrução topográfica definida além das casas de João de Valadares e aquém da Viela do Ferraz, torna positiva a localização do hospício (Figura 9).

## CONCLUSÃO

O estudo crítico dos elementos em análise dá a conhecer o projecto fundador da Congregação Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro. De 1679 a 1709 definem-se as orientações espirituais (Estatutos), construtivas (igreja) e equipamento sacro (cadeiral do coro e retábulo da capela-mor), cronologias a que se atende na sua integração na corrente religiosa e artística do Porto, da Época Moderna.

**Fundação** – A Congregação institui-se como obra de preparação do caminho da salvação, participando assim o seu fundador das atitudes e comportamentos perante a morte, de acordo com o estatuto social e conforme à espiritualidade vigente, no Porto da época Moderna.

**Arquitectura** – Francisco de Mora, arquitecto do maneirismo régio de quinhentos surge no início do século XVII associado ao desenvolvimento e transposição para Portugal do modelo de convento carmelita. Pelo método comparativo estabelece-se a semelhança estilística, mas simplificada, da fachada da igreja da Congregação com o primeiro grupo de conventos carmelitas, do início do século XVII e próximos dos ditames tridentinos. A proposição “*O modelo (dos Carmelitas Descalços) foi adoptado por outras ordens com variantes*”<sup>91</sup> permite colocar a hipótese de a igreja da Congregação ser uma dessas variantes.

Apesar de não ter sido possível, na pesquisa efectuada, identificar a origem e autoria da planta e apontamentos que o fundador apresenta para a nova igreja, a sua escolha, no entanto, orienta-se para a manutenção do gosto por uma arquitectura sacra de reduzido investimento, alinhado com o espírito tridentino, agora potenciado pelo ascendente franciscano. A participação do Mestre Pantaleão Vieira inclui a edificação de Oliveira do Douro no sistema de produção arquitectónica coevo, de raiz vernacular, numa técnica construtiva em alvenaria rebocada e caiada, *cintada* por cantaria que acentua a estrutura despojada.

Concluída em 1688, de acordo com a ideologia religiosa subjacente, a sua arquitectura na primazia pela funcionalidade, na recusa do ornato e manutenção do classicismo, denota a filiação numa estética.

**Cadeiral do coro** – A sua estrutura arquitectónica, dividida por pilastras é identificável com a estética maneirista. A obra realizada em 1700, mas estilisticamente próximo dos cadeirais típicos da produção da primeira metade do século XVII, apresenta enrolamentos no coroamento da cornija, elementos decorativos que

<sup>91</sup> CORREIA, José Eduardo Horta – *Arquitectura portuguesa. Renascimento, maneirismo, estilo chão*. 2ª Edição. Barcarena: Editorial Presença, 2002. p. 62.

constituem o prelúdio do barroco. A viragem estética na arte talha da Escola do Porto, ocorre em 1716-1719 no cadeiral de S. Bento da Vitória e depois na Sé em 1726. A ausência de qualquer referência a autores, permite admitir estarmos perante uma obra corrente e pertencer à variabilidade de cadeirais existente na produção contemporânea.

**Retábulo-mor** – Nos seus elementos formais, estilísticos e simbólicos identifica-se um exemplar do Estilo Nacional, cuja periodização na arte da talha da Escola do Porto tem o seu apogeu no primeiro quartel do século XVIII.

Assim, a sua realização em 1707 e douramento em 1709 integra a Congregação no movimento de renovação litúrgica que confere maior dignidade e ênfase ao retábulo-mor. No recurso a artistas conhecidos da praça participa das práticas de produção artística e estética coevas.

**Hospício** – Fica de forma positiva assinalada a instalação urbana da Congregação, no cruzamento da Rua das Flores com a Viela do Ferraz, topografia intra-muros da cidade do Porto.



**Fig. 1** – Ávila.  
Convento de *San José*<sup>92</sup>



**Fig. 2** – Madrid  
Convento *La Encarnación*<sup>93</sup>



**Fig. 3** – Évora  
Conv. de N. Sr.ª dos Remédios<sup>94</sup>

<sup>92</sup> Extraído de KUBLER, George – *Arquitectura de los siglos XVII y XVIII*. ARS HISPANIAE. Madrid: Editorial Plus-Ultra, 1957. Volume 14. p. 11.

<sup>93</sup> Ext. de BONET CORREA, António – *Iglesias Madrileñas del siglo XVII*. Madrid: Instituto Diego Velásquez, del Consejo Superior de Investigaciones, 1961. Ilustração da capa

<sup>94</sup> Ext. de SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal. O Maneirismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Volume 7. p. 128.



**Fig. 4** – Oliveira do Douro. Vila Nova de Gaia<sup>95</sup>



**Fig. 5** – Igreja de Oliveira do Douro<sup>96</sup>.



**Fig. 6** – Cadeiral do Coro Alto em 1931<sup>97</sup>



**Fig. 7** – Interior da igreja em 1977<sup>98</sup>

<sup>95</sup> Foto da autora, 2006.

<sup>96</sup> Postal da Coleção da paróquia de Oliveira do Douro. Nº 20.

<sup>97</sup> COSTA, G. – Uma crónica monástica inédita. *O Tripeiro*. Porto. 4ª Série, nº 3 (173) (Jan. 1931) p. 3.

<sup>98</sup> ARQUIVO DO JORNAL DE NOTÍCIAS. Porto. VILAS, Jorge – Século XVII desprezado no século XX. Foto de Américo Diegues. *Jornal de Notícias*. Ano 90º, Nº 25 de 29 de Junho de 1977. p. 1.



**Fig. 8** – Capela-mor em 2004<sup>99</sup>



**Fig. 9** – Hospício da R. das Flores. Porto<sup>100</sup>

### Documento nº 1

1685 – Dezembro, 20, Porto

Contrato de obrigação para execução da obra da capela, entre o Cónego António Leite de Albuquerque, pela Congregação Secular da freguesia de Santa Eulália de Oliveira, Concelho de Gaia e Pantaleão Vieira, mestre pedreiro, Feliciano Fernandes, João Fernandes e Manuel João oficiais de pedreiro. Testemunhas Manuel Ferreira de Carvalho e Manuel de Sousa, ourives. Tabelião António Rodrigues Monteiro, Rua da Reboleira<sup>101</sup>.

*“Saibão q.tos este publico instrumento de contrato e obrig.ção ou como em direito melhor lugar baja e valer possa virem que no anno do nascimento de Nosso S.r Jesus Cristo de mil seisc.tos e oitenta e cinco annos aos vinte dias do mês de Dez.bro do d.to anno nesta muito nobre e sempre leal cidade do Porto na rua da Reboleira della nas cazas da morada de mim tabelião ao diante nomeado aby apparecerão presentes partes a saber de hum a o R.do Cónego Antº Leite de Albuquerque resid.te na congregação secular sita na freguesia de Santa Eulália*

<sup>99</sup> Foto da autora, 2004.

<sup>100</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO PORTO. Carta Topográfica de Teles Ferreira, 1982. Escala 1:500. Quadricula 258. Pormenor.

<sup>101</sup> ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO – Fundos Notariais. Contrato de Obrigação: 1685 – Dezembro, 20, Porto. Po-4º, 1ª série, nº 78 A, fls. 47-48v

de Oliv<sup>a</sup>, concelho de Gaya e termo desta cidade em seo nome e como procurador que disse ser dos mais padres congregados da dita congregação, e da outra parte estando também presentes Pantaleão V<sup>a</sup> mestre pedreiro morador na freguesia de Santo Ildefonso extramuros desta cidade e Feliciano Fernandes e João Fernandes officiais de pedreiro moradores na dita freguesia de Santa Eulália de Oliveira, e M.el João também pedreiro e morador na freguesia de S Pedro de Pedroso, todos pessoas que eu tabelião conheço, pellos nomes aqui nomeados e logo por elles partes foi dito a mim tabelião perante as testemunhas ao diante assentes e assinadas que era verdade que elle Rev<sup>o</sup> António Leite de Albuquerque e os mais reverendos padres seos confrades querião continuar com a obra da capella da sua congregação e para esse efeito estava ora contratado e celebrado em seo nome e os que representam com o dito mestre pedreiro Pam V<sup>a</sup> e o com os mais officiais sobreditos para lhes haverem de fazer no local a dita obra da dita sua Igreja na forma dos apontamentos della que elle mestre e mais officiais virão tudo em presso e quantia de duz.tos e trinta e cinco mil reis, pagos na forma ao diante declarada os quaes apontamentos elles partes aby mos apresentarão e para se saber e constar do conteúdo nelles mos mandarão aqui tresladar; o teor dos quaes de verbo ad verbum he o seguinte

§ Apontamentos do que falta por fazer na capella dos ters.ros da congregação secular de oliveira § Primeiram.te será obrigado do (?) que tomar esta obra a acabar a capella e galilé na forma da planta, de tudo o q lhe falta que vem ser § Acabará os dous portais da galilé e os três arcos della com sua faxa por sima e a porta da parte do norte terá sua empena com sua simalba § Fará mais assim a porta principal que verte para a galilé na forma da planta como também a parede da banda della athe a altura do choro do seu frizo alquitra e sacada pequena em que assentam as grades do choro e os seus cachorros, e tudo muito bem escodado § No choro fará duas portas de sinco palmos de vão, e dez de alto e três frestas, duas como as da capellamor e bua como as da igreja e som.te hum palmo de lume mais de largo com batente para as portas e na impena hum espelho, e na porta da parte do norte se fará por fora uma sacada em cachorros com padieiras por sima, e seo perpeanho por fora, ficando de vão três palmos e meo, e de alto dez com hum piazinha de picão meudo e de comprido oito palmos cubertos por sima de pedra § Acabara as sacadas da igreja athe a fronteira dos arcos do Rio na forma em que vem de sima muito bem lavrado e escodados § Acabara o frontispício do arco cruzeiro e fará a pedra do púlpito com suas molduras muito bem lavradas conforme a planta. Fará os cunbais e empenas com suas pirâmides, e três cruces com seus pedestais na forma da planta. § Fará o campanário da mesma sorte que esta na planta e somente terão os nichos dos sinos, mais meio palmo cada hum de vão, e os gatos de ferro e chumbo para ellas que forem necessários será por conta da obra e do dono della, mas não o achubar § Fará os terços por sima da sacada de dez palmos de alto em que hade entrar o papo de Rolla por fora que há-de hir em redondo da capela toda pela parte tambem do Rio e este há-de ser maior que o da capela mor e muito bem lavrada e escodado. § Os quatro cunbais hão-de ter seu capitel e colarinho como mostrão os da capela mor § E a grossura da parede dos terços há-de ser da mesma

*grossura que a da Caza sobre que se assentarão as alquitraves para poder receber em si o campanario que são quatro palmos e meio. § Tomara todas as juntas da obra que estiver feita e aperfeiçoara do que for necessário. § Fará três pias para a agua benta como as da Capella dos Terceiros do Porto. § Na galile se fará por dentro bua faxamento bem escodado de largura de hum palmo, toda em redondo sobre que assente o forro por sima em o qual se remate a cal por baixo. § O mestre há-de dar pedra e saybro e tudo o mais e so por conta dos donos da obra com a obrigação da cal. § Emprastasse ao mestre o cabo e o cabrestante, e as escadas e caldoeiros que de presente andão na obra, e as varas de guindar e tudo o mais corre por conta delle mestre. § E não se continba mais nos ditos apontam.s que eo tabelião aqui tresladei bem e fielmente sem cousa que duvida faça dos próprios a que me reporto q ficarão em posse do dito Reverendo António Leite de Albuquerque e tresladados assy os ditos apontam.tos por elle mestre Pam. V<sup>a</sup> e pellos mais officiais Feliciano Fernandes, João Fernandes e Manuel João foi dito que elles por esta Carta e escriptura se obrigavão como em effeito se obrigarão a fazerem a dita obra pelo dito presso de duzentos e e trinta e sinco mil reis na forma declarada nos ditos apontam.tos e planta della, e a cumprirem tudo o que nella se declara e a darem feita e acabada a dita obra e com toda a perfeição necessaria de tal maneira que fique à vontade dos ditos reverendos padres e não fazendo assy e havendo o mínimo erro ou imperfeição na dita obra se obrigao elles mestre e mais officiais a aperfeiçoala e a polla da maneira que nos ditos apontam.tos e planta se declara e sendo pelo contrato pagarao aos ditos Reverendos padres congregados todas as custas ... que tiverem e fizerem por elles não cumprirem e goardarem sem em nada poderem vir com duvidas nem alegar embargos porque vindo com elles ou com outra alguma cousa q impida o Real effeito e cumprimento desta escriptura querem ehao por bem que nada lbes seja recebido e q hão do mestre e mais officiais de ser citados e requeridos pelo cumprimento deste contrato e não dando copia ... da cid.e querem e hão por bem q em seu nome o seja o dito distribuidor do juízo de fora della ao qual sabido como fazem seu procurador irrevogável e lbe dão poder para estar em juízo e fora delle confessar toda a obrigação que elles mestres e officiais por esta Carta estao obrigados e a assignar termo de confissão ouvir sentença ser requeridos por ella e sua liquidação nomear bens de penhora e para a venda rematação e remissão delles e mais diligencias que com elles mestre e officiais se devam e bajam de fazer são contentes se façam na pessoa do dito seu procurador sem poderem revogar nem esta Carta e posto que o façao será de nenhum effeito ea sentença contra elles havida pela tal citação não alegara embargos e passara em causa julgada como sentença deffinitiva dada na mayor alçada por ella se fará acção em suas pessoas e bens (?) dos reverendos haverem toda a observância e execução deste contrato e as custas e de pessoais darão e pagarão elles mestres officiais e havendo demanda por não cumprirem tudo o que aqui ficao obrigados por a pessoa que nella andar a duzentos reis por dia para a tal pessoa comessara de haver e vencer do primeiro dia athe final sentença e seu cumprimento ainda que seja pião sem poderem dizer nem alegar q be mais salário de custas pessoais de que a ordenação*

*concede e que os ditos reverendos padres poderão haver toda a execução e observância deste contrato por elle mestre Pantaleao Vieira ou por elles officiais ou por todos juntamente qual mais quizerem e mais bem passado acharem por quanto se obrigaõ cada hum por si e hum por todos e por tudo assy o haverem de cumprir e goardar pello modo sobredito obrigaram elle mestre Pantaleão Vieira e elles Feliciano Fernandes João Fernandes e Manuel João suas pessoas e todos seus bens moveis e de raiz havidos e por haver direito e acção delles e pello dito reverendo António Leite de Albuquerque foi dito que elle em seo nome e dos reverendos padres seus confrades aceitava como aceitou delle mestre pedreiro e dos ditos officiais esta obrigação e se obrigou no ... nome fazendo elles a dita obra na forma dos ditos apontam.tos e planta della a lbes pagar por ella os ditos duzentos e trinta e sinco mil reis em dinheiro de contado os quais lbe pagara na forma seguinte a ssaber que dispois de elle mestre e todos os mais officiais obrigados obrigados andarem na dita obra trinta dias de trabalho lbes entregara e pagara por conta no fim delles trinta e sinco mil reis por conta dos ditos duzentos e trinta e sinco mil reis, porem que ao dispois enquanto elles mestre e officiais não tiverem toda a igreja e coro em respaldo todo a volta e capaz de se lbe assentar os alquitraves lbes não dará dinheiro algum mas dispois de terem toda a dita obra posta nesta altura lbes hira dando e pagando as ferias que será aquillo que montarem os jornais da gente que andar trabalhando na dita obra e na pedreira athe lbes satisfazerem por este modo os ditos duzentos e trinta e sinco mil reis, e sendo caso que dispois da dita obra feita e acabada na forma dos ditos apontamentos se lbes reste a dever algum dinheiro mais tudo o que lbes restar a dever da quantia se lbes pagara contanto que tambem elle mestre e os ditos officiais serão obrigados a acabarem de todo a dita obra na forma dos ditos apontamentos quando dispois de estarem de todo entregues de toda a dita quantia esteja ainda por fazer alguma couza das contheudas nos ditos apontamentos e por elle reverendo António Leite de Albuquerque assy o haver de cumprir e a fazer o pagamento dos ditos duzentos e trinta e sinco mil reis nos pagamentos e forma que dito fica disse que obrigava como em effeito obrigou todos seus bens moveis e de raiz havidos e por haver como tambem todos os bens moveis e de raiz da dita congregação. E nesta forma se obrigaõ elles partes a não revogar nem contradizer esta escritura em parte nem em todo por si nem por outrem de feito ou em direito em juízo nem fora delle antes a cumprilla e goardalla como nella se conthem e por todo .... de duvida se obrigaõ a responder elles mestre pedreiro e officiais nesta cidade do Porto diante do juiz de fora della ou do Corregedor do Civil desta Relação pello que disserao se desaforavao dos juízes de justiça de seu foro e renunciavao todas as leis, privilégios e liberdades ordenações ferias gerais e especiais e a lei que há por nulla a geral renunciação das leis em tudo o mais que fassa e possa fazer em seu favor que de nada se poderão valer nem ajudar salvo tudo cumprirem e goardar em pleno do sobredito e assy outorgarão elles partes e o aceitaram de parte a parte e do todo requererão a mim tabelião que este instrumento nesta nota fizesse que assinarão com as testemunhas dispois de todo lbe ser lido e declarado e outorgarão os treslados enquanto necessários o que tudo eu tabelião como pessoa publica ...*

*estipulante e aceitante delles partes o estipulei e aceitei pela pessoa ou pessoas a isto ausentes a que tocar e competir o aqui contheudo quanto em direito devo e posso ... sendo a todo por testemunhas presentes Manuel Ferreira de Carvalho familiar de Francisco Ferreira Braga e Manuel de Sousa ourives de prata ambos meus vizinhos que todos aqui assinaram e eu António Rodrigues Monteiro Tabelião o escrevi”*

António Leite de Albuquerque / Pantaleão Vieira / Feliciano Fernandes / João Fernandes / Manuel João

Manuel Ferreira de Carvalho / Manuel de Sousa / Tabelião: António Rodrigues Monteiro. Porto

ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO. Fundos Notariais. Po-4, 1ª Série, nº 78-A  
fls. 47-48v